

FRAGMENTAÇÃO DA TEMPORALIDADE EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H. E EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

FRAGMENTATION OF TIME IN A PAIXÃO SEGUNDO G.H. AND IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Anderson Luiz Teixeira Pereira*

UFPA

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda**

UFPA

Resumo: Encontram-se, no bojo da literatura moderna, obras as quais fizeram da temática da temporalidade o *leitmotiv* da criação literária. Com base nessa perspectiva, objetiva-se examinar o aspecto da fragmentação temporal na construção de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, e de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Por meio da comparação dessas duas obras, poder-se-á apontar como a construção de uma escritura temporalmente fragmentada possibilita o surgimento de uma literatura que coloca em suspensão a noção de realidade e de humanidade e, por meio disso, radicaliza a relação entre forma, tempo e linguagem.

Palavras-chave: Fragmentação. Clarice Lispector. Guimarães Rosa. Tempo.

Abstract: It can be found, in the midst of modern literature, works which made the theme of temporality the matter of literary creation. Based on this perspective, the objective is to show the aspect of temporal fragmentation in the construction of *A paixão segundo G.H.*, by Clarice Lispector, and *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. By comparing these two novels, it will be possible to show out how the construction of a temporarily fragmented writing allows the emergence of a literature that makes the notion of reality and humanity be questionable and, thereby, it changes the relationship between form, time and language.

Keyword: Fragmentation. Clarice Lispector. Guimarães Rosa. Time.

* Mestre em Letras, Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é professor substituto da Escola de Aplicação da UFPA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5983-6721>. E-mail: <luizandersson@hotmail.com>.

** Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado IV da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3971-9007>. E-mail: <eellip@hotmail.com>.

INTRODUÇÃO OU COMO SE DESFAZ A FORMA-TEMPO

A obra literária de Clarice Lispector (1920-1977) e de Guimarães Rosa (1908-1967), conforme já trataram de demonstrar seus críticos e estudiosos, parece tecer, em cada dobra da palavra, uma reflexão que, se não fosse pelo seu aspecto ficcional, poderíamos dizê-la filosófica. De todo modo, o que está em questão neste trabalho não é a relação entre literatura e filosofia, ainda que este seja um pilar quase indissociável para se pensar a relação entre Clarice e Guimarães, mas o jogo ficcional com o tempo, o qual possibilita a inscrição de um texto, no nível da forma e do conteúdo, fragmentado.

Lograr com a noção de totalidade, dilacerar o limite da forma e pôr a consciência individual, seja em crise ou não, como eixo de sustentação narrativa, não são aspectos exclusivos dos autores que mencionamos anteriormente. Talvez, esse conjunto de traços esteja vinculado ao surgimento da própria modernidade, em seu aspecto social, filosófico e estético. Assim, tais elementos decorrem, portanto, daquilo que poderíamos designar como sentimento moderno. Fragmentar a temporalidade é, portanto, um sentimento moderno de tempo.

Lembremo-nos, por exemplo, de textos como o de Friedrich Schlegel (1772-1829), que já apontavam como tarefa fundamental dos poetas do romantismo europeu, mesmo num período em que ainda estava em voga os pilares filosóficos do Idealismo Alemão, o desenvolvimento de uma estética balizada no gosto pela desordem, tanto em seu aspecto formal quanto em seu conteúdo.¹ Lê-se, em vários fragmentos de *Athenaum* (SCHLEGEL, 1977), a invocação de uma dialética das formas, ou seja, Schlegel, em contraste à arte clássica, vislumbra a necessidade de um espírito moderno assente no intercâmbio de gêneros e na reflexão subjetiva, cujo resultado, certamente, vai em direção a uma estética da fragmentação.

No caso do romance de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa, a fragmentação, que ora estamos demonstrando no nível da temporalidade, se manifesta em diferentes camadas. Em *A paixão segundo G.H.* (1964), por exemplo, temos uma experiência narrativa subjetiva que extrema o próprio limite da narração. Acontece que o que possibilita a inscrição de um romance fragmentado é a metafórica fragmentação do sujeito que narra ao outro a sua experiência de dilaceramento. Diante de tal aspecto, não há a possibilidade de o tempo da narrativa se manter linear, objetivo e homogêneo, portanto, ele se esvai, tornando-se um intercâmbio entre o eterno, o instante e o transitório.

Em *Grande sertão: veredas*, em virtude de o jogo ficcional instaurado pela paragem reflexiva que atravessa o romance, o tempo tende a se singularizar. Riobaldo, narrador do grande romance de Rosa, sendo detentor da palavra que funda o mundo ficcional, amparado pela linguagem, narra a complexidade do tempo no que se refere à vida. Dizer é tarefa primordialmente temporal. O mundo ficcional de *Grande sertão: veredas* engloba uma série de acontecimentos da vida de Riobaldo, tomando parte de sua infância, desenrolando o seu passado como jagunço e ultimando-se no presente da narração, em que o personagem especula, ainda, sobre o seu futuro. O tempo desse romance é compreendido sob uma ótica subjetiva, isto é, relacionado à visão de mundo de um Riobaldo outro. Todavia, é necessário ressaltar que, mesmo sendo o tempo ligado à percepção do personagem, já que o foco narrativo recai sobre ele, o seu sentido

¹ Sobre essa questão, é interessante ver a discussão levantada por Jaime Ginzburg (1995) em *O conceito de fragmentação em suas elaborações no romantismo e em textos da teoria da literatura contemporânea*.

só é alcançado mediante a palavra narrada, que, na verdade, é o que materializa a expressão do tempo no mundo ficcional.

O que tentaremos demonstrar, por meio da análise da categoria do tempo narrativo nas duas obras que constituem o objeto deste texto, é como a literatura brasileira moderna, por meio do aspecto da fragmentação, logra com noções de elementos como a realidade e a humanidade e, por meio disso, radicaliza a relação entre forma, linguagem e tempo.

A EXPERIÊNCIA TEMPORAL FRAGMENTADA

A experiência ficcional do tempo na narrativa moderna possibilitou, ao invés de um tempo que decorre em trânsito horizontal, o desenvolvimento de sua verticalização, fenômeno o qual está assente na forte influência que a filosofia de Henri Bergson exerceu sobre a ficção moderna.

Não há como negar a presença da “duração interior” em *A paixão segundo G.H.* e em *Grande sertão: veredas*, no sentido de que o tempo nessas obras está vinculado à própria consciência dos personagens, isto é, ligado à subjetividade de seus respectivos narradores. Assim, nosso esforço deve se concentrar na abordagem do tempo no que concerne não apenas à dimensão formal da obra, mas, sobretudo, na realização de uma travessia hermenêutica que vise a abordagem da temporalidade que advém do sentido que decorre da relação entre o existir e o narrar. Desse modo, pode-se admitir como força oculta que anima a trama de Clarice Lispector e a de Guimarães Rosa as implicações e as inquietações provocadas pelo fato de elas serem obras que podem ser descritas como *novel of time* (MENDILOW, 1972).

Um primeiro traço da temporalidade fragmentada está na presença da “duração interior” (BERGSON, 1988) na concepção de mundo dos romances analisados. Isso porque, vinculados a ela, há três elementos temporais que qualificam a experiência fictícia de G.H. e de Riobaldo: a sensação de eternidade, de instante e de transitoriedade do tempo. Tais aspectos, uma vez integrados ao mundo ficcional, assinalam o desenvolvimento de uma temporalidade *sui generis*. Além disso, deve-se acrescentar o fato de que eles estão interligados entre si e correspondem à dimensão do tempo como um contínuo, que, paradoxalmente, se compõem de diversos blocos fragmentados.

A experiência humana, enquanto raiz do romance moderno, colocou o problema do tempo num outro patamar. Veja-se, por exemplo, a trama rosiana, que, embora seja constituída por uma linha de ação, é, de igual modo, uma travessia inconclusa pelas veredas perigosas do pensamento e pelo dilema permanente do ex-jagunço Riobaldo. O que está em jogo na narrativa não é apenas a empresa pretérita já realizada, mas, principalmente, a desenvoltura da interioridade² desse sujeito desassossegado que a busca expressar.

Como resultado dessa operação que mescla os estados do pensamento à ação externa, manifesta-se o sentido que advém da percepção de que a vida é um contínuo de rupturas, uma sucessão de diversos momentos (como as várias histórias que vão sendo contadas por Riobaldo), os quais abrangem, em última instância, o caráter de mudança, isto é, daquilo que está sempre em transformação, que é, principalmente, heterogêneo.

² Como bem atentado por Ligia Chiappini (2009, p. 193), em *O direito à interioridade em João Guimarães Rosa*, ocorre na trama rosiana uma espécie de junção entre o regionalismo e a interioridade, que “[...] não é concebida em si mesma, separada do mundo exterior e da vivência coletiva. Não se apresenta o puro pensamento, mas um pensamento sensível, material mesmo”.

No romance de Clarice Lispector, em virtude da pouquíssima ação exteriorizada e das poucas referências espaciais, se o compararmos a *Grande sertão: veredas*, a interioridade ocupa grande parte da narração. O fulcro da narrativa se torna a expressão da própria interioridade de G.H., ou seja, o que dá forma ao enredo, paradoxalmente, é uma confluência de pensamentos-fragmentos materializadas por meio da linguagem, promovendo, de maneira sobressalente, uma densidade temporal, na qual se ligam os estados de consciência que G.H. experimenta ao longo do presente da narração.

Desse modo, tanto em *Grande sertão: veredas* quanto em *A paixão segundo G.H.*, existe um movimento de busca não pela realidade do tempo em si, uma vez que a literatura enquanto arte não tem compromisso com a linguagem conceitual, porém ela manifesta o tempo enquanto aspecto da existência do indivíduo que, estando no tempo, “ele mesmo é tempo”³.

Começando pela questão da eternidade, a fim de apontarmos uma possível definição para esse aspecto que seja oriunda principalmente dos próprios textos literários, é interessante comentarmos a proposta de Vincenzo Arsillo (2009) de que o tempo em *Grande sertão: veredas* se estrutura numa divisão que abrange cinco⁴ níveis macroscópicos, dentre os quais destacamos apenas um: o “tempo imóvel do sertão”, que, segundo o estudioso, estaria ligado a uma espécie de negação do tempo cronológico:

Daqui deriva a visão do tempo como provisoriedade, como uma ameaça e uma perda, como algo que se perdeu, fuga infinita, areia que se perde ficando imóvel, uma ‘lagoa de areia’, define-a Guimarães Rosa, na qual o avesso de uma possibilidade pode ser, contemporaneamente, uma outra possibilidade e uma impossibilidade. (ARSILLO, 2009, p. 224).

Esse “tempo imóvel”, tal como concebe Arsillo, começa a delinear aquilo que consideramos como a eternidade na experiência temporal, não apenas de Riobaldo, mas também podendo ser apontado na narração de G.H. Ora, como se verifica no excerto acima, o termo “imóvel” não significa que o tempo seja estático. O crítico sugere, por meio da reiteração da ideia de uma dualidade do tempo — o “avesso de uma possibilidade” — que no mundo ficcional de Guimarães Rosa o tempo é marcado por um presente eterno, que, por isso, não pode ser tomado apenas no sentido cronológico.

Cerqueira (2013), em seu trabalho sobre a temporalidade em duas obras de Clarice Lispector, a saber *Uma aprendizagem* (1979) e *Água viva* (1973), destaca que “[...] a eternidade é a duração irreparável do instante em absoluto” (CERQUEIRA, 2013, p. 42). Completando esse circuito de discussão em torno da definição de eternidade, Olga de Sá (1979), abordando a problemática do tempo também em Clarice Lispector, afirma que “[...] a eternidade não é algo de abstrato e frio, mas um momento concreto e singular, um *agora* permanente” (SÁ, 1979, p. 84).

Apesar de estarmos constantemente dialogando com textos que abordam especificamente ora a literatura de Clarice Lispector, ora de Guimarães Rosa, tudo aquilo que buscamos recortar serve como base para compreender ambos os autores, ou melhor, ambos os romances abordados neste trabalho. Além disso, considere-se o fato de que essas duas obras literárias, por mais

³No sentido pensado por Heidegger (2008) de que o ser aí, ele mesmo é tempo.

⁴A saber, são eles: tempo imóvel do sertão, tempo móvel da narração, tempo da existência de Riobaldo, tempo interno das histórias “laterais” e o tempo de quem ouve.

que sejam diferentes em seu conteúdo, compartilham de aspectos comuns no que concerne ao tratamento do tempo por serem oriundas da experiência artística da modernidade.

Desse modo, podemos definir a eternidade como uma percepção de uma sensação de imobilidade do tempo, mas que, como sabemos, não se desvincula da ideia de um fluxo temporal, ou seja, o estabelecimento de diversos momentos que se sucedem num agora sempre presente.

Envolvidos pelo êxtase de compreender aquilo que contam, Riobaldo e G.H. experimentam a sensação de que o tempo é paralisado em alguns momentos da narração. No caso de G.H., à medida que a mulher se deixa absorver por uma espécie de esquizofrenia momentânea que a arrebatava do mundo tangível, mais essa sensação é despertada, a ponto de sua percepção do tempo se tornar apenas um agora, que é repetido inúmeras vezes, mostrando a importância desse tempo que permanece sendo, isto é, a descoberta de que o viver, o existir, é no “tempo presente”.

Deve-se acrescentar ainda que, no discurso de G.H., no fragmento quatorze, no qual se desenvolve uma pauta acerca de uma sensação, a princípio, de estranhamento do quarto da empregada, que, aos poucos, se vai tornando familiar, a personagem, ao afirmar que: “Era a alta monotonia de uma eternidade que respira” (LISPECTOR, 2009, p. 90), reitera o sentimento de eternidade não como algo estático, mas durativo e condensado, que é manifestado justamente quando ela finalmente se sente pertencente ao cômodo, cujo significado tem ares metafóricos. Nota-se, ainda, que até as referências de espacialidade, de certo modo, são anuladas, estabelecendo-se, portanto, essa temporalidade singular que marca o mundo ficcional de Clarice Lispector.

Já para Riobaldo, essa mesma sensação manifesta-se quando o personagem “presentifica” o passado por meio da reminiscência, sempre buscando fundir os seus estados de consciência no presente da narração ao tempo dos momentos vividos: “Mas eu não percebi o vivo do tempo que passava” (ROSA, 1982, p. 191). Isso acontece, por exemplo, quando ele relata os confrontos armados, em que as horas pareciam não passar, ou mesmo, quando estava acompanhado de Diadorim, sobretudo, nos momentos em que admiravam a natureza, como na cena em que o seu amado amigo fala da beleza do “Manuelzinho-da-Crôa”. Contudo, a sensação de eternidade se dá principalmente no presente da narração, pois é nele que se estabelece a ideia de um agora permanente, uma sucessão de vários momentos, recriando a imagem de um tempo imóvel, como apontou Vincenzo Arsillo (2009).

A eternidade, “enquanto qualidade do tempo na experiência para qual não há correlato na estrutura do tempo da natureza” (MEYERHOFF, 1976, p. 48), surge, nos dois romances aqui abordados, como um esforço para capturar a experiência humana tal como ela se dá. É em razão disso que Riobaldo e G.H. enfatizam essa situação de estar no tempo.

O segundo aspecto da temporalidade a ser tratado, que mantém vínculo com o sentido de eternidade, é o instante⁵. Em *A paixão segundo G.H.*, a dimensão desse elemento é repassada ao discurso da própria personagem: “Mas o instante, o instante este — a atualidade — isso não é imaginável, entre a atualidade e eu não há intervalo: e agora, em mim” (LISPECTOR, 2009, p. 77). Cabe observar que a tensão advinda da ideia do viver, isto é, do existir, é algo quase impossível de ser estruturado. Despertada pelo êxtase provocado pelo confronto com a

⁵ Sendo o “tempo-instante” um aspecto presente e importante em relação à temporalidade de *A paixão segundo: G.H.*, cabe assinalar que este elemento é retomado e desenvolvido como temática em *Água viva* (LISPECTOR, 1998).

barata, G.H. percebe que há uma disparidade entre o seu novo modo de ser e aquilo que fora, até então. Mas essa disparidade tem laços com a própria compreensão que a personagem tem acerca do tempo.

Até antes de entrar no quarto da empregada, a existência de G.H. havia sido atenuada pelo sistema cotidiano de uma vida coisificada. Após atingir “o núcleo vivo da existência”, o seu novo modo de ser ultimar-se-á também numa nova percepção do tempo. O “ontem”, que marca temporalmente o evento ocorrido no dia anterior, assumirá a dimensão do instante, ou seja, a vida não diz mais respeito àquilo que já foi, porém, ao que está sendo: “Mas o que eu nunca havia experimentado era o choque com o momento chamado ‘já’” (LISPECTOR, 2009, p. 77). Esse elemento da temporalidade, uma vez tomado como forma, preenche o romance clariceano, pois são os inúmeros instantes que formam a continuidade daquilo que se entende como existência. Por isso, uma das pautas do discurso de G.H. refere-se à dificuldade de viver, pois esse instante é fugaz. Há, nesse sentido, uma busca por expressar o fluxo de pensamento na própria estrutura da obra.

No caso de Clarice Lispector, o desenvolvimento do instante como qualidade do tempo possui uma questão que o torna ainda mais expressivo. Trata-se do fato de que os momentos de vida, esses vários instantes, abrem caminho para uma escrita fragmentada, no sentido de que, a palavra sendo a “tábua” que projeta a narrativa, fracassa, refletindo, de certo modo, o fracasso do desafio de descrever esse tempo-instante.

Na experiência romanesca de *Grande sertão: veredas*, o instante também qualifica o tempo percebido por Riobaldo, porém não tem o mesmo alcance efetuado no romance de Clarice Lispector. É claro que a vida de Riobaldo, sobretudo o presente da narração, também, é construído por esse elemento. Porém, esse aspecto surge na temporalidade do mundo-sertão motivado pela inquietação diante de uma busca, por vezes angustiante, de a toda hora computar a vida, concordando com a afirmação de Benedito Nunes de que “Riobaldo debate o tempo e se debate contra ele” (NUNES, 1983, p. 22).

De todo modo, o ex-jagunço experimenta essa sensação do instante, do tempo inacabado, que está para além do tempo objetivo. É uma faceta abstrata e fragmentada, compreendida somente no próprio existir, ou seja, uma temporalidade que se dá somente por meio da experiência particular. Sendo uma propriedade inerente à temporalidade do mundo ficcional, o instante manifesta-se como um jogo que tenta recuperar na linguagem a fugacidade da vida. A certa altura da trama rosiana, quando o personagem-narrador conta ao interlocutor a morte de Diadorim e, conseqüentemente, a sua natureza feminina, ele exclama que a história acabou, entretanto, tendo acabada a aventura sertaneja, a vida continuou, porque ela não está ancorada no antes e no depois. Veja-se o seguinte trecho, no qual se observa, no discurso de Riobaldo, uma tematização acerca dessa temporalidade que permite apontar certa consciência desse tempo-instante:

E há um vero jeito de tudo se contar — uma vivença dessas! Os tiros, gritos, éco, baque boléu, urros nos tiros e coisas rebentáveis. Dava até silêncio. Pois porque variava, naquele compasso: que bater, papocar, lascar, estralar e trovejar — truxe — cerrando fogo; e daí marasmar, o calado de repente, ou vindo aos tantos se esmorecendo, de devagar. Tempo que me mediu. Tempo? Se as pessoas esbarrassem, para pensar — tem uma coisa! —: eu vejo é o puro tempo vindo de baixo,

quieto mole, como a enchente duma água... Tempo é a vida da morte! imperfeição.
Bobices minhas — o senhor em mim não medite. (ROSA, 1982, p. 445).

A “vivança”, a que se refere Riobaldo, é, pois, um instante, esse “puro tempo vindo de baixo”, que em último caso, se configura como imperfeição, ou seja, a ausência de uma ordem. Riobaldo, ao longo de sua narração, utiliza algumas expressões para se referir ao tempo como “noite de toda fundura”; “tempo no tempo”; “num tempo só” e “tempo liso”; as quais evidenciam a agudeza e a densidade da percepção que o personagem tem da vida como sendo um instante.

A estrutura temporal do sertão não pode ser compreendida de maneira circular e cíclica. Ainda que seja mencionado um tempo relativo às estações do ano, das colheitas, ou mesmo, da movimentação dos astros. O tempo do sertão se faz mediante o “homem humano”, propriamente na travessia enquanto realização do fatídico destino humano. O tempo-instante, em *Grande sertão: veredas*, é reiterado ainda por meio da imagem do rio⁶ — elemento substancial para o homem sertanejo — que traz a ideia daquilo que é corrente, como num fluxo contínuo, marcado por uma unidade que é, paradoxalmente, multiplicidade.

O terceiro e último aspecto concernente ao tempo de *Grande sertão: veredas* e de *A paixão segundo G.H.* é a transitoriedade. Esse elemento retoma, principalmente, o sentido de uma temporalidade humana, que, no âmbito da ficção, se dá mediante o fato de que o homem moderno se encontra envolvido por um cotidiano acelerado e por uma sensação de fugacidade, que o faz perceber, preliminarmente, sua existência como sendo marcada por uma sucessão de momentos em constante trânsito.

É interessante, diante dessas considerações, a discussão que Italo Calvino (1923-1985) desenvolveu em *Seis propostas para o novo milênio* (CALVINO, 1990), no ensaio intitulado “rapidez”, no qual o intelectual discorre sobre como a história literária demonstrou sempre lidar com a questão do tempo. Em síntese, o escritor italiano conclui que a eficácia da narrativa moderna promoveu a relatividade do tempo, no sentido de que ela foi capaz de manifestar a incomensurabilidade do tempo de vida com relação ao tempo real (tempo da natureza).

De todo modo, o ponto central que buscamos destacar do brevíssimo ensaio de Calvino e que nos serve como base para pensarmos a questão da transitoriedade no tempo do romance clariceano e rosiano é a metáfora que o escritor italiano utiliza para descrever a relação entre a narrativa e o tempo, comparando-a como um cavalo, cuja movimentação depende fundamentalmente do percurso a ser executado. Além do mais, Calvino destaca, tratando da forma do texto, a importância da velocidade mental: “O cavalo como emblema da velocidade também mental marca toda a história da literatura” (CALVINO, 1990, p. 53), acrescentando ainda que “O tema que aqui nos interessa não é a velocidade física, mas a relação entre a velocidade física e velocidade mental” (CALVINO, 1990, p. 54). Ao tomar a imagem do cavalo para expressar o dinamismo da experiência fictícia do tempo, Calvino ressalta a importância da relação de tensão entre o tempo humano e o tempo real, da qual resulta, por exemplo, a questão da velocidade como sendo uma qualidade relacionada à transitoriedade do tempo na literatura.

Embora Italo Calvino (1990) não trate especificamente do nosso terceiro ponto, tampouco dialogue com Bergson — que foi o ponto de partida da nossa discussão —, sua especulação nos

⁶ Meyerhoff (1976, p. 34) observa que a metáfora do rio expressa, de forma genérica para a literatura moderna, o tempo como duração, observando que “[...] a continuidade do ‘rio’ do tempo corresponde, assim, à continuidade do ‘fluxo’ de consciência dentro do eu”.

permite pensar, justamente, como a transitoriedade está vinculada à rapidez e à transformação ocasionada pelo tempo da vida, que se mistura, em último caso, com o próprio tempo da narrativa.

A transitoriedade surge, na Literatura, caracterizada não apenas pela sucessão de vários momentos, mas engloba, substancialmente, o caráter da transformação. G.H. e Riobaldo, por exemplo, caminham sempre em direção à mudança. Já demonstramos, em outro momento do trabalho, que eles, ao passo que narram, transformam-se, pois alcançam, por meio dessa atividade de caráter reflexivo, uma suposta compreensão sobre a vida. De todo modo, a transitoriedade se refere ao desenvolvimento de uma vida que já não é cíclica e nem circular, pois a cada novo instante de tempo, os personagens encontram novas compreensões, as quais reabrem, de modo paradoxal, um destino já selado, ideia que se verifica de forma implícita como temática em Guimarães Rosa e, um pouco mais explícita, em Clarice Lispector:

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucúia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei. (ROSA, 1982, p. 451).

Por não ser, eu era. Até o fim daquilo que eu não era, eu era. O que não sou eu, eu sou. Tudo estará em mim, se eu não for; pois 'eu' e apenas um dos espasmos instantâneos do mundo. Minha vida não tem sentido apenas humano, é muito maior — é tão maior que, em relação ao humano, não tem sentido. Da organização geral que era maior que eu, eu só havia até então percebido os fragmentos. Mas agora, eu era muito menos que humana — e só realizaria o meu destino especificamente humano se me entregasse, como estava me entregando, ao que já não era eu, ao que já é inumano. (LISPECTOR, 2009, p. 179).

A ideia que buscamos ressaltar, por meio dos fragmentos supracitados, é que os personagens-narradores de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector compreendem que a vida humana é um trânsito permanente. Não há um começo e nem muito menos se assinala um final. O que existe é o fluxo temporal. As histórias são contadas dentro dos meandros de uma estrutura temporal; entretanto, esses personagens reconhecem que a vida humana não corresponde à essa estrutura. No trecho destacado acima, referente ao momento da trama rosiana em que Riobaldo está narrando o desfecho final da empresa vingativa contra os “judas”, em que ocorre a morte de Diadorim no campo de batalha, o personagem-narrador, em seu diálogo descuidado com o interlocutor, reitera a disparidade entre o vivido e o contado. Quer dizer, o que há entre a transição de momentos é o que, de fato, comporta a dimensão daquilo que pode ser nomeado como tempo humano. Riobaldo, embora não verse especificamente sobre a transitoriedade, acaba, ao final de tudo, reafirmando o fato de que a vida do homem sertanejo é atravessada por novos instantes, isto é, a cada momento existem novos caminhos a serem tomados, como acontece depois que Diadorim morre.

Em *A paixão segundo G.H.*, essa questão é tematizada juntamente à descoberta de um novo modo de ser da personagem G.H. após a experiência fenomenológica de ruptura com o mundo no quarto da empregada. Não se trata de uma transformação física, mas do alcance de

um ou de vários novos horizontes de compreensão de si, traduzida na perda da terceira perna metafórica a que G.H. se refere ainda no primeiro fragmento.

A grande questão da transitoriedade como qualidade do tempo nesses dois romances está no suceder de momentos como uma travessia, que, na ausência de um destino ou ponto final, permite ao indivíduo a capacidade de transmutação, que a acompanha o ritmo da transição temporal romanesca, pois, como afirmou Tatarana: “O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real” (ROSA, 1982, p. 454).

Portanto, esses três elementos que desdobramos, eternidade, instante e transitoriedade, os quais, a princípio, decorrem da repercussão da filosofia de Henri Bergson na Literatura moderna, são aspectos expressivamente presentes tanto na experiência ficcional de *A paixão segundo G.H.* quanto de *Grande sertão: veredas*.

Por meio desses três elementos, demonstramos que os narradores G.H. e Riobaldo vivem um “sentimento moderno de tempo”, cuja característica principal talvez seja seu aspecto fragmentado, o qual segue o curso das novas experiências advindas das mudanças histórico-estéticas sofrida pela literatura. Ao passo que esse processo é manifestado por meio da própria matéria narrada, a experiência ficcional do tempo, como bem observou Paul Ricoeur (2010), e a configuração da narrativa também são postas à experimentação, possibilitando um jogo dialético que desdobra tanto a atividade humana da linguagem narrativa quanto a sensibilidade para recompor as experiências humanas de que se alimenta a Literatura.

Como nota final, em relação a este contexto de discussão, a lúcida consideração de Benedito Nunes (1969) a respeito da contribuição de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector para o modernismo brasileiro sintetiza a relevância da dimensão estética da escritura desses dois autores:

As criações de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector, que são dotadas de uma excepcional carga inventiva, e que, na linha de abertura da linguagem traçada pelo Modernismo, representam os extremos da prosa brasileira contemporânea, propõem um estimulante desafio aos novos escritores. A este desafio começam a responder os vários grupos de vanguarda (*Invenção, Práxis e Tendência*), herdeiros, em um contexto polarizado pelos problemas das técnicas de comunicação e pela cultura de massa, das “altas reflexões estéticas da Semana de Arte Moderna de 1922”, às quais Oswald de Andrade. (NUNES, 1969, p. 123, tradução nossa)⁷

Clarice Lispector e Guimarães Rosa, sendo considerados grandes narradores da modernidade, foram escritores que, dada a sua sensibilidade artística, o talento para a elaboração poética e a reinvenção da linguagem, fizeram da emergência do tempo na modernidade o *leitmotiv* da experiência ficcional, que, já no plano da criação, se manifestou na reverberação do próprio sentido do tempo.

⁷“Le creazione di Guimarães Rosa e Clarice Lispector, che sone dotate entrambe di una eccezionale carica inventiva, e che, nella linea di apertura del linguaggio tracciata dal Modernismo, rappresentano gli estremi della prosa brasiliana contemporanea, propongono una stimolante sfida ai nuovi scrittori. A questa sfida cominciano a rispondere i diversi gruppi di avanguardia (*Invenção, Práxis e Tendência*), eredi in un contesto polarizzato dai problemi delle tecniche di comunicazione e della cultura di massa, delle ‘Alte riflessioni estetiche della Settimana di Arte Moderna del 22’, alle quali si riferiva Oswald de Andrade.” (NUNES, 1969, p. 123).

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU A TESSITURA DE UM TEMPO FRAGMENTADO

Em síntese, o desenvolvimento do tempo na obra de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa possibilita uma estética textual que permite a primazia de uma experiência de leitura acerca do tempo como aspecto relevante para a própria compreensão de suas obras.

Na abordagem de *A paixão segundo G.H.* e de *Grande sertão: veredas*, é impossível lançar-se ao desafio da interpretação, sem que se ponha em jogo a estética literária e o horizonte de expectativas da própria obra. Sendo o tempo um elemento da existência humana e, também, um traço intrínseco à narrativa, seu entendimento deve ser tomado com base na experiência narrada pelos personagens, pois a linguagem é o suporte que fundamenta as relações humanas com o mundo e, por assim dizer, com o tempo.

Desse modo, propondo-se a investigação destas duas obras, surge como questão substancial o enlace entre tempo e ficção, uma vez que este é instaurado já no plano da própria obra literária. É curioso que um dos estatutos da literatura moderna trata da fusão entre reflexão e linguagem, característica que nos dá a possibilidade para pressupor que a própria literatura clariceana e rosiana, mesmo dotada de uma variedade de temas, manifesta o problema do tempo.

A problematização da relação entre tempo e ficção, no universo clariceano e rosiano, pode ser entendida como partidária de uma tessitura de um tempo fragmentado, porque, ao se interrogar a obra, o tempo se constitui como questão substancial para o pensamento. Desta feita, pela abertura à temática do tempo, Clarice Lispector e Guimarães Rosa definem-se pela vinculação à estética moderna.

Por fim, finaliza-se demonstrando, por meio da leitura acerca do aspecto de uma temporalidade fragmentada, o quanto a literatura clariceana e rosiana continuam suscitando discussões críticas, teóricas e estéticas na seara dos Estudos Literários. Por meio de uma escritura ficcional que toma a linguagem como condição da própria narrativa, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, ao problematizarem a estrutura temporal de seus respectivos romances, fazem do movimento da criação artística a ratificação do próprio sentido de Literatura Moderna.

REFERÊNCIAS

ARSILLO, V. As veredas do tempo: dialética das imagens temporais em Grande sertão. In: CHIAPPINI, L.; VEJMEKKA, M. (org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 222-229.

BERGSON, H. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o novo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERQUEIRA, M. D. S. **Confluências temporais em Clarice Lispector: análise de uma aprendizagem e Água viva**. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CHIAPPINI, L. O direito à interioridade em João Guimarães Rosa. In: CHIAPPINI, L.; VEJMEKKA, M. (org.). **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa**: dimensões regionais e universalidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 190-204.

GINZBURG, J. O conceito de fragmentação em suas elaborações no romantismo e em textos da teoria da literatura contemporânea. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 4., 1995. São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ABRALIC, 1995. p. 425-428.

HEIDEGGER, M. **O conceito de tempo**. Tradução Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fim do século, 2008.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MENDILOW, A. **O tempo e o romance**. Tradução Flávio Wolf. Porto Alegre: Globo, 1972.

MEYERHOFF, H. **O tempo na literatura**. Tradução Myriam Campello. São Paulo: McGrawHill, 1976.

NUNES, B. A matéria vertente. In: NUNES, B. *et al.* **Seminário de ficção mineira II**. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura, 1983. p. 9-39.

NUNES, B. Aspetti della prosa brasiliana contemporanea. **Aut**, Milano, n. 109- 110, p. 116-123, jan./mar. 1969.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tradução Márcia Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 3 v.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SÁ, O. de. **A escritura de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

SCHLEGEL, F. **O Dialeto dos fragmentos**. Tradução Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras 1977.